

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUME XXXVII – 1998

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

ISABEL FIGUEIRAL

Doutora em Fitologia Vegetal. Investigadora da ESA 5059 CNRS, Université Montpellier II

CASINHA DERRIBADA — MONUMENTO 3 (MUNDÃO, VISEU).
OS CARVÕES DE ORIGEM VEGETAL
“Conimbriga”, XXXVII (1998), p. 83-87

RESUMO: Publicam-se os resultados do estudo antracológico das amostras de carvão vegetal recolhidas no monumento 3 da “Casinha Derribada”.
A lista taxonómica é reduzida: *Quercus* folha caduca (Carvalho), *Quercus suber* (Sobreiro) e *Erica arborea* (Urze branca). As espécies identificadas integram-se na zona fito-ecológica Mediterrâneo-atlântica.
A uniformidade dos taxa inventariados, particularmente na amostra obtida por flutuação, justificar-se-á, talvez, pelo leque pouco diversificado da madeira utilizada na fogueira acesa sobre a laje de cobertura deste monumento, certamente de carácter ritual.

ABSTRACT: Results from charcoal analysis obtained at “Casinha Derribada” (Monument 3) are presented. Only three taxa are identified: *Quercus* (deciduous) (Oak), *Quercus suber* (Cork oak), and *Erica arborea* (Heath). At present, this taxa grow in the area which is under both Mediterranean and Atlantic climatic influences.
The charcoal fragments studied were found concentrated in a fireplace (probably ritual). A short-term selection of wood would explain the reduced taxonomic list.

(Página deixada propositadamente em branco)

CASINHA DERRIBADA — MONUMENTO 3 (MUNDÃO, VISEU) OS CARVÕES DE ORIGEM VEGETAL

I. Introdução

Os carvões vegetais analisados provêm do monumento 3 da “Casinha Derribada”, situado na freguesia de Mundão, concelho e distrito de Viseu, estudado no âmbito do projecto de investigação “Práticas funerárias e/ou culturais dos finais da Idade do Bronze na Beira Alta”, coordenado por Domingos J. Cruz.

A área onde o monumento foi erigido encontra-se inserida actualmente na zona fito-ecológica Mediterrâneo-atlântica, caracterizada pela presença de *Castanea sativa* (Castanheiro), *Pinus pinaster* (Pinheiro bravo), *Pinus pinea* (Pinheiro manso), *Quercus robur* (Carvalho roble / alvarinho), *Quercus suber* (Sobreiro) O.

O estudo deste material arqueológico permitirá a recolha de informações em relação às espécies vegetais utilizadas pelas populações locais.

II. Resultados e discussão

Os resultados qualitativos e quantitativos são apresentados no quadro 1. Como facilmente se nota o número de fragmentos à nossa disposição é extremamente reduzido (12 amostras com um total de 187 fragmentos de carvão). Todas as amostras estudadas provêm do quadrado (*)

(*) *Carta ecológica, fito-edafo-climática*, Comissão Nacional do Ambiente, Lisboa, 1984.

Conimbriga, 37 (1998), 83-87

D7, excepto a que foi obtida por flutuação de sedimentos (15 Kg), recolhida no quadrado C8.

Se abstrairmos as identificações incertas (como por exemplo *Quercus* cf. *suber*), a lista taxonómica obtida reduz-se a três taxa: *Quercus* folha caduca (Carvalho), *Quercus suber* (Sobreiro) e *Erica arborea* (Urze branca). A presença de metade de uma bolota é igualmente de assinalar. Esta pobreza taxonómica não é inesperada, dada a utilização extremamente pontual deste tipo de estação.

Entre os taxa identificados, o Carvalho é claramente maioritário. Os caracteres anatómicos observados levam-nos a pensar

Quadro 1 - Frequências absolutas dos taxa. Casinha Derribada - Monum. 3

Amostra	Quadrado	Coordenadas (cm)				Taxa / frequências absolutas
		x	y	z	Z'	
1	D7	15	66	124	11	Quercus folha caduca - 5
2	D7	28	92	125	10	Quercus folha caduca - 11
3	D7	46	40	120	11	Quercus suber - 5
4	D7	90	28	121	10	Quercus folha caduca - 4 Erica arborea - 1
6	D7	59	37	122	11	Quercus folha caduca - 5
7	D7	49	41	121	10	Quercus suber - 3
8	D7	46	74	124	10	Quercus folha caduca - 4
9	D7	31	39	122	10	1/2 bolota - 1
10	D7	62	18	122	14	Quercus folha caduca - 2
11	D7	38	66	125	12	Quercus folha caduca - 1
12	D7	43	38	125	12	Quercus folha caduca - 5
	C8	flutuação				Quercus folha caduca - 134 Quercus cf. suber - 3 Quercus sp. - 1 Erica sp. - 2

tratar-se de *Quercus robur* (Carvalho roble / alvarinho) espécie que, crescendo sobretudo em regiões sob clima oceânico, pode igualmente desenvolver-se em zonas de clima continental, mais quente e seco. Esta espécie de carvalho suporta mal o frio intenso (geadas) e prefere os solos férteis, ou seja, profundos e húmidos (2).

De notar igualmente que na maioria dos fragmentos analisados os anéis anuais apresentavam um crescimento rápido, o que é habitual em árvores bastante jovens.

No que diz respeito ao Sobreiro (*Quercus suber*), trata-se de uma espécie sensível ao frio, que necessita de calor e luz e aprecia a humidade atmosférica. É pouco exigente em relação aos solos mas não suporta os calcários nem os solos compactados (3).

A Urze branca é uma espécie tipicamente mediterrânica, crescendo habitualmente em associação com as Azinheiras e Sobreiros.

As amostras estudadas dizem respeito às terras do *tumulus*, relacionando-se com uma pequena fogueira, de carácter ritual, realizada sobre a laje de cobertura da fossa central antes da colocação das pedras que constituem o revestimento pétreo superficial. A grande uniformidade dos taxa identificados, particularmente na amostra obtida por flutuação de sedimentos, justificar-se-á com a gama pouco diversificada da madeira recolhida para este efeito. É também de admitir, no entanto, que alguns dos elementos carbonosos incluíssem os sedimentos transportados para a construção do monumento, datando de um momento relativamente anterior.

Todas estas espécies foram já identificadas nas cistas da Necrópole do “Paranho” (Molelos, Tondela) (4), que se integra na mesma região de investigação e cuja cronologia é próxima (séc. XII-XI a.C.) (5). A análise de material carbonizado de outros monumentos poderá fornecer informações mais completas sobre as espécies vegetais à disposição das populações humanas estabelecidas nesta área.

(2) Fabião, A. M. D. (1987), *Arvores e florestas*, Mem Martins, Europa-América [Col. Euroagro].

(3) Vide op. cit na nota anterior.

(4) Figueiral, I. (1997), “Necrópole do Paranho (Molelos, Tondela). Resultados da análise dos carvões vegetais”, *Estudos Pré-históricos*, 5, Viseu, pp. 121-122.

(5) Cruz, D. J. (1997), “A Necrópole do Bronze Final do “Paranho” (Molelos, Tondela, Viseu)”, *Estudos Pré-históricos*, 5, Viseu, pp. 85-109.